

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR: GOMES DOS SANTOS

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Na apanha do caoutchouc

ASPECTOS SOCIAES

Santo Affonso e os seus traductores

Muitas vezes se tem desnaturado a moral do grande Santo Affonso Maria de Liguori, deturpando os textos e apresentando-os ao publico como normas de proceder catholico. Agora mesmo, no parlamento da Belgica, o sr. Demblon, chefe do partido socialista da esquerda, repetiu semelhantes e infundadas calumnias, atassalhando a reputação immaculada do sabio doutor catholico, tão justamente canonisado.

Conhecemos as turvas aguas onde Demblon bebeu os seus pretensos textos de Santo Affonso. Extrahiu-os d'uma brochura de Grassmann, editor protestante de Stettin. E' uma falsidade, disse o sr. Renkin, deputado catholico, executando com uma palavra só o calumniador. Com effeito, haverá dois annos que a falsidade foi provada judicialmente na Allemanha.

Pouco tempo depois da morte de Grassmann, tendo um jornalista catholico atacado a brochura e combatido severamente o auctor, o filho d'este intentou-lhe um processo. O advogado do jornalista sustentou que as traducções de Grassmann eram falsas na sua maior parte e pediu que a obra fosse submettida, sob este ponto de vista, a um sabio. O tribunal escolheu para perito o sr. Engelbert, professor na Universidade de Vienna, conhecido liberal, pouco suspeito de parcialidade em favor dos catholicos.

No seu relatorio o sr. Engelbert declarou que: «*nove citações entre as que com o livro de Grassmann estão muito bem traduzidas e exactamente reproduzidas; todas as outras estão falsamente traduzidas.*» O sabio relator acrescenta: «*As peores phrases da obra de Grassmann são inteiramente o contrario do que diz o original. E' evidente que Grassmann só imperfeitamente sabia o latim.*»

E' n'esta brochura, evidentemente a obra propria, ou antes, impropria, de Grassmann, que Demblon bebeu naturalmente as suas citações. Deveria, ao menos, por prohibidade, verificar a exactidão dos textos sobre os quaes queria basear todas as suas accusações. Não pensou em fazel-o, talvez por ignorancia do latim, ou talvez porque toda a calumnia lhe pareceu boa para arremessar contra a Egreja.

Porque todos estes altivos livre-pensadores procedem assim: basta que um individuo sem escrupulos esvurme uma accusação contra um padre ou contra a doutrina catholica, para que immediatamente a tenham por verdadeira, sem fazer a menor verificação.

E' assim sobretudo que procedem os sabios do genero Demblon, para os quaes o Larousse tem a auctoridade d'um Evangelho, e cuja erudição de via reduzida desde-nha toda a investigação, tão certa se julga e infallivel.

Todavia, se Demblon se dêsse ao incommodo de lêr no original o livro de que quiz fallar, bastar-lhe-hia um pouco de boa fé para se convencer da falsidade da interpretação de Grassmann. Engelbert, no seu relatorio, destacou pre-

cisamente a passagem de que Demblon fez uso. Eis o que elle diz:

«E' principalmente falsa a affirmação de Grassmann de que o padre que se tornasse culpado d'uma falta para com uma determinada pessoa que se confessa a elle, não possa ser denunciado por este facto. Nada de semelhante se encontra nas obras de Liguori. Existe pelo contrario, uma bulla papal, prescrevendo como um dever absoluto a denuncia do padre que abuse do confessorio, no sentido das affirmações de Grassmann.»

Resumindo a sua opinião, Engelbert escreve:

«A obra de Liguori é uma obra altamente suave e inspirada pela moral e pelo amor da verdade. O que eu declaro aqui é a minha convicção de philologo e de litterato. A traducção de Grassmann não parece ser inspirada por maus motivos, mas é a obra d'um ignorante; não tem nenhum valor sob o ponto de vista scientifico. Resulta da leitura da sua traducção que Grassmann não era capaz de comprehender a obra latina de Liguori. Todavia, a brochura de Grassmann não pode ser qualificada de escripto vergonhoso; era uma brochura de polemica e de defeza.»

«Grassmann era um escrevinhador que abordava toda a especie de questões que só superficialmente conhecia. Mas não escrevia para satisfazer más paixões.»

Este juizo recae hoje sobre o cidadão Demblon. Viu-se como o sabio professor austriaco fez justiça ás asserções estupidas, segundo as quaes existiam na theologia moral de Santo Affonso palavras que obrigariam ao silencio a pessoa que fosse victima d'uma seducção.

Santo Affonso escreveu precisamente o contrario do que lhe attribue um «traductor» que quiz traduzir tudo ao avesso. O grande santo ensina que, em caso de seducção tentada com ou sem successo, ha obrigação de consciencia para a pessoa ir denunciar o auctor eventual d'este crime á auctoridade que o possa punir. Eis a verdade. Todas as outras affirmações só podem ser attribuidas á má fé ou á ignorancia. Se o argumento tivesse sombras de verdade, já ha muito que os outros inimigos da Igreja se teriam valido d'elle para a atacar.

Notemos de passagem que aconteceu muitas vezes a Santo Affonso, como a outros ~~os~~ logos do mais alto merito, enumerar a serie de objecções e de difficuldades ás quaes se encarrega de responder. O auctor do libello allemão tomou estas exposições por outras tantas theses e fingiu acreditar que ellas não tinham resposta... E' habil, mas não é honesto.

Jesuitas e Liberaes

VII

Os Jesuitas e a Inquisição

Quando se trata de qualquer assumpto, nada ha peor, do que fallar d'elle com paixão ou com ignorancia. E se ambos os defeitos são inherentes a quem falla ou escreve, muito peor se torna o caso e nunca se pode esclarecer ou descobrir a rigorosa verdade.

Diz-se, que foram os Jesuitas os inventores do Tribunal do Santo Officio, ou da Inquisição. A ignorancia e a má fé, bem notaveis em alguns jornalistas e n'outros escriptores, tem concorrido, para se espalhar este erro, em que não pouca gente vae acreditando.

Estes principios erróneos tem-se propagado por muitas outras maneiras, em conversas, em discursos publicos, em comicios, em livros e até em *Reportorios*! Aqui são as frases acompanhadas de estampas grutescas no gosto das que trazem os jornaes de caricaturas, os quaes se tem

occupado do mesmo assumpto, propagando os mesmos erros.

Mas quem souber ou quizer estudar um pouco de historia, ha de facilmente reconhecer, que ou tudo o que se tem affirmado, a tal respeito, é uma pura mentira dos maledicentes ou é effeito da crassa ignorancia dos que repetem as palavras, que já tem lido ou ouvido por muitas vezes.

*

Os jesuitas foram introduzidos em Portugal no anno de 1531. D. João III chamou-os para este reino com o fim de pregarem a religião em diversas partes do territorio portuguez e principalmente nas provincias ultramarinas, e com especialidade na India e no Brazil.

Verdade é, que não poucos membros do clero regular se haviam encarregado d'esses trabalhos e os executavam com muita proficiencia, desinteresse e bom exito.

No entanto, o monarcha piedoso entendeu, que nenhuma corporação regular estava mais no caso de tão bem cumprir a missão de civilisar e de pregar o Evangelho nas terras, que iam sendo colonisadas e cujos habitantes eram miser, que se conservassem fieis á bandeira portugueza. Não foram, n'esta parte, desprezados os serviços de outras corporações, mas os da Companhia de Jesus foram tidos em maior conta e d'ahi começou logo uma certa antipathia contra ella.

Comtudo, ninguém deixava de respeitar essa corporação, nem de reconhecer os seus serviços.

O pedido, para o estabelecimento da Inquisição em Portugal, foi no mesmo anno, mas ella só foi aqui admittida ou estabelecida em 1536.

Não havia sido instituida por os Jesuitas. Esse tribunal teve uma origem muito diversa da que se lhe attribue.

*

S. Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Pregadores, tratou de obter do Pontifice a instituição de um Tribunal, com o fim de serem reprehendidos e admoestados benignamente e com moderação os christãos relapsos, os que pregavam doutrinas impias, os que por seus escriptos concorriam, para que se affastassem da crença os bons catholicos e para mais se afrouxarem os tibios e os rebeldes.

Abusou-se d'essa instituição, como se abusa e tem abusado de tudo e, seja dito em abono da verdade, esses abusos mais concorreram para prejudicarem os principios catholicos, do que para os arraigarem nos corações dos indifferentes e até dos crentes sinceros mais fervorosos em suas praticas.

O fim principal, que S. Domingos teve em vista, foi mostrar os erros dos Albigenses, contra os quaes se viu e ouviu em campanha, assim guerreira, como litteraria, como diz Frei Lucas de Santa Catharina.

Em 6 de Maio de 1232 o Pontifice Gregorio IX, assignou o Breve=*Declinante jam mundi vespere ad occasum*, pelo qual o Arcebispo de Terragona e os seus suffragâneos, ficavam encarregados de, por elles ou pelos Frades Pregadores ou por pessoas idoneas, inquirirem acerca dos erros e heresias contra a Igreja.

E, se não nos enganam as obras, que a tal respeito temos lido, foi esta a origem da Inquisição, ou tribunal do Santo Officio, de que foi S. Domingos o primeiro chefe, independente do legado pontificio e por auctorisação apostolica de Honorio III.

Por morte d'aquelle patriarcha da Ordem dos Pregadores, foram-se seguindo outros Inquisidores, tanto geraes, como nos tribunaes, que, successivamente, se foram formando em Tolosa, no Delinado e em Paris, em Reims, em Avinhão e n'outras cidades de França como n'outras da Italia, taes como Millão, Pavia, Ferrara, Turim e Verona.

Dos Inquisidores geraes e parciaes não poucos soffreram o Martyrio e os nomes d'elles e de outros entram no Agiologio da Egreja catholica.

Os territorios, subjeitos ás jurisdicções d'esse tribunal, foram depois divididos em provincias regulares, como hoje o são os que estão subjeitos ás auctoridades, civis, judicias ou militares.

Não tratamos agora de fazer a historia da Inquisição nem de provar se tal instituição foi vantajosa ou prejudicial. Para isso não faltam obras, que os leitores consultem.

*

O Papa Bonifacio IX em 1397 tratou de introduzir na Peninsula hespanhola o tribunal da Inquisição. D'esses trabalhos foi encarregado o dominicano Frei Vicente de Lisboa, confessor e Pregador de D. João I. E de tal maneira tratou da incumbencia, que em Julho de 1403 foi, pelo mesmo Pontifice, nomeado Inquisidor Geral de Portugal e do Algarve e de todos os Reinos de Hespanha, como consta do Breve *Inter sollicitudines varias*.

A instancias de Frei André de Resende e de Frei Francisco de Bobadilha (hespanhol), ambos dominicos, tratou D. João III de obter concessão pontificia para a instauração de Tribunaes da Santo Officio em Portugal e independentes dos tribunaes de Hespanha.

Só foi instaurada em Portugal em 1536, como já se disse e soffreu aqui grande reforma em 1541, como em Roma no anno immediato.

Em Portugal teve a Inquisição o seu primeiro tribunal na Cidade de Evora; depois, na capital do Reino; mais tarde, em Coimbra e finalmente em Gôa.

Quem pudér obter a lista de todos os chefes e juizes dos quatro Tribunaes do Santo Officio, estabelecidos em territorio portuguez, ha de ver, que todos ou quasi todos eram dominicanos e muito poucos ou nenhuns das outras ordens, e que não será facil e até será impossivel encontrar um unico jesuita a figurar, como juiz nas sentenças d'esses tribunaes.

E o que se afirma a respeito de Portugal, póde affirmar-se a respeito da Italia e da França e de outros paizes.

Poderão encontrar-se os nomes de alguns jesuitas, condemnados pela Inquisição. Isso não será difficil. E um dos jesuitas que em Portugal soffreram a morte por sentença do Tribunal, estabelecido em Lisboa, foi o Padre Gabriel Malagrida. E quem era este jesuita? Era um velho de mentado pelos muitos soffrimentos, pela idade e pelos trabalhos. Pregara vinte e nove annos no Brazil e esteve preso muito tempo injustamente.

Foi garrotado e queimado!

E quem era então o Presidente da Inquisição em Lisboa? Era Paulo de Carvalho, irmão do Marquez de Pombal!

Depois da incineração do cadaver de Malagrida, houve n'uma das salas da Inquisição, um grande banquete, a que assistiram aquelles dois individuos!

Esses irmãos eram dignos um do outro.

Algumas ordens religiosas fallaram da introdução do Santo Officio em Portugal, querendo attribuir *essa gloria* á respectiva influencia.

Os jesuitas nunca lhes disputaram *essa gloria*, antes foram sempre contrarios á existencia de um tribunal, que chamando-se santo, tratava de augmentar o numero de crentes por meio de violencias e não por meios suasoricos e benignos.

E o Padre Antonio Vieira, por mais de uma vez e por longo tempo, obistou ás perseguições, que em Portugal, podia fazer a Inquisição, assim como obistou aos chamados *Autos de Fé*. Ora, pelo que fica exposto, facil é de ver, que não só os Jesuitas foram sempre contrarios á Inquisição, mas que

alguns d'elles foram victimados por esse tribunal, e que não foram nem podiam ser os seus instituidores.

A associação dos Jesuitas foi fundada em 1534 e approvada canonicamente em 1540. Foi, portanto, fundada muito mais de cem annos depois de haver a Inquisição na Peninsula, hiberica e mais de trezentos depois da primitiva criação do mesmo tribunal.

Se podesse haver odio aos instituidores do Santo Officio, recairia elle com mais razão nos dominicos. Nunca, porém, nos Jesuitas.

Voltaremos ainda a esta parte especial do assumpto.

(Continúa.)

UM CATHOLICO.

LITTERATURA

O perdão

I

— Preguiçoso, indolente, vou-te matar! gritava a Chivona, enquanto batia furiosa no corpo da pobre creança.—Condennado! não tens vergonha de só trazer dois duros, andando todo o dia a pedir esmola? Queres por acaso fazer-me acreditar que já não ha caridade? Para cá, vens de carrinho. E' porque gastas em comes e bebes pelas tavernas a maior parte do que recibes e a tua mãe só dás as sobras. Eu te tirei esses luxos á força de pauladas, infame!

E aquella mulher, que não devia ter coração, tornava a chicotear com mais sanha o corpo do seu filho Pedro, que apenas contava oito annos de idade, e que, torcendo-se com a intensidade da dôr, continha o pranto que lhe molhava os olhos para não excitar mais a colera de sua mãe. Aquelle debil ser, ajoelhado no chão, deixava ver por entre os rasgões do seu misero traje, chagas de cicatrizes, vergões e ulcers recent e. Com as mãosinhas cruzadas, balbuciava aterrorizado:—Não me bata mais porque eu trago tudo. Nada tiro para mim; é que não me dão mais!

E da crueldade da mãe infame e do martyrio da creança ninguem se inteirava. Viviam os dois sós, n'um subterraneo, longe da povoação.

Succedeu o que era natural que succedesse. Depois de mais quatro annos de soffrimentos horriveis, a creança fugiu d'aquella mulher, cujas caricias eram pauladas e cujos beijos eram murros e mordeduras.

Que seria de Pedro ao encontrar-se só no mundo? Caminharia pela estrada do bem ou pela do mal? Seria honrado ou criminoso? Quem o poderia saber?

II

Quando passarem por um hospital, descubram-se com respeito. A caridade exerce alli a sua santa missão. N'um asylo d'esses encontrou asylo a Chivona ao cabo de muitos annos.

Quem a visse, certamente não a conheceria, tão mudada estava!

Enferma havia muito tempo, a recordação de seu filho aggravou a sua prostração.—Morrerei sem o vêr, sem que me perdôe!—dizia ella consigo frequentemente.

E com este pensamento, amargurado pelos remorsos, sem que chegassem a realisar-se os seus desejos, chegou a hora que marcava o fim da sua vida.

III

—Padre capellão, uma mulher agonisante na sala 4.^a, cama 16.

Minutos depois o cura achava-se ao lado da moribunda.

—Confesse as suas culpas, disse com doçura.

—Padre, eu vou morrer, mas antes d'isso desejo que em nome do Senhor me perdõe um crime que commetti. E continuou d'esta forma:

—Mãe d'uma creança, mil maldades e tratos fizeram-na fugir do meu lado. Fui muito má, muito cruel e aquelle anjo devia amaldiçoar-me. Então chamavam-me a Chivona; hoje ninguém conhece este nome. Meu filho, do qual não terei a alegria de ouvir que me perdôa, chama-se Pedro. Deus castiga-me! Perdão, meu Deus, ... perdão, meu padre, que eu vou morrer.

—Minha mãe, mãe da minha alma, eu sou teu filho, sou Pedro, sou o que fugiu do teu lado, mas que nunca te amaldiçoou.

Lançando se nos braços de sua mãe, o sacerdote regou a enrugada cara da enferma com lagrimas ardentes.

—Meu filho, perdão, perdão em teu nome e em nome de Deus.

O capellão dominou a sua dôr e ergueu a mão, dizendo: —Mãe, teu filho perdoa-te o mal que julgas ter-lhe feito e, como ministro do Senhor, absolve te e peço por ti á divina misericórdia.

A anciã abraçou seu filho, olhou-o com fixidez e sorrindo, entregou a sua alma no tribunal divino. Quando amanhecia, Pedro, o capellão, permanecia ainda ajoelhado perante o leito da morte...

A. GAILLAN MARIN.

DE TUDO UM POUCO

As mães

Quadros ha que nos fazem sentir dolorosamente que a palavra escripta não tenha a côr d'esses cabellos loiros ou pretos e a luz um sorriso feliz, e de uns olhos radiantes, e de um aspecto todo paixão de mãe...

*

Eis que a tarde cahe. A devesa, na encosta do monte, arrelvada d'um tapete persa de musgo com ramagens de floritas de trevos, illumina-se com a vermelhidão do sol; o sol atufa se lá longe, por detraz das arvores; os trigaes maduros tremem; esvoaçam de leve as papoilas, e as rôlas que chegam rolando agasalham-se nos pombaes.

Duas mães encantadoras, uma de cabellos pretos, outra de cabellos loiros, estão todas absortas, radiosas, a olhar os dois pequenitos, um de cabellos loiros, outro de cabellos pretos, que brincam no tapete persa de musgo.

A aldeia fica no valle. Do outro lado, além, vê-se o cemiterio pequeno que aquella hora saudosa nos dá uma impressão doce assim como a d'uma quadra singella que diz d'uma separação muito longa... adeus.

Cahe a tarde.

... Adeus—dizem de lá as cruces brancas dos anjinhos, onde se penduram corôas e lagrimas sinceras se choram. Adeus...

Mas a mãe de cabellos loiros diz:

—Quando o meu pequeno fôr grande...

E diz logo a mãe dos cabellos pretos:

—Quando fôr grande o meu pequeno...

E, os olhos dos pequerruchos que brincam sobre os tapetes, elles lá vão fóra, fóra, por essa estrada de luz... ambições, glorias, pastas de ministros, muitas, aos pontapés!

Que pena que a palavra escripta não dê a côr dos cabellos, a luz dos olhos radiantes, e do sorriso feliz, e do aspecto todo paixão de mãe!

*

E tanto gostei d'este quadro que esperei occasião de o tornar a ver. Porém dias e dias se passaram. Mas um dia, no mesmo sitio—a tarde cahe—as duas!

A devesa illumina se d'um clarão avermelhado; os trigos maduros tremem; silencio; agasalham-se nos pinhaes as rôlas que veem rolando.

O pequerrucho de cabellos pretos brinca, sosinho, sobre o tapete de musgo e a mãe de cabellos loiros, os cotovellos fincados nos joelhos, cabeça occulta nas mãos, alonga o olhar tristemente para o outro lado do valle. Compreendendo.

E o pequenito que olha em roda, saudoso do amiguinho que era tão lindo e risonho, vem de vagar para ella, e diz-lhe como amuado:

—O teu menino? Maria.

Coitada! Os seios erguem-se-lhes, escurece-se-lhe o rosto, cobre-lhe os olhos nuvem pesada e triste, e uma chuva de lagrimas começa de cahir-lhe pelo rosto.

—Então, então, diz a outra.

Mas ella, juntando a si a creança de cabellos pretos, diz-lhe:

—Olha, vês, está acolá.

...As cruces, os chorões que choram... Adeus. A tarde cahe.

*

Que pena que a palavra escripta não tenha luz nem côr que pinte o aspecto attribulado da mãe de cabellos loiros!

GUILHERME GAMA.

Calendario historico:

Janeiro	A 15 de Janeiro de 1432 nasceu em Cintra el-rei D. Affonso, filho de D. Duarte e de D. Leonor. Foi aclamado em 1438, tendo apenas 6 annos de idade.
15	
1903	

Por disposição testamentaria de D. Duarte, quando este morreu, tomou a regencia do reino a rainha D. Leonor, mas as cortes nomearam regente o infante D. Pedro, duque de Coimbra e tio de el-rei. O infante governou com prudencia e justiça e entregou lealmente o governo a seu sobrinho quando este chegou á maioridade; mas persuadindo os inimigos de D. Pedro a el-rei que o infante machinava para o despojar do throno, deu isto causa ao desgraçado conflicto ao pé de Alfarrobeira, em que D. Pedro perdeu a vida.

D. Affonso V foi chamado o *Africano* pelas suas felizes expedições á Africa, onde tomou Alcacer Ceguer, Arzilla e Tanger.

No anno de 1445 envolveu-se em guerra com Castella, não obtendo exito. Fez uma peregrinação a Jerusalem, d'onde voltou em 1459; publicou as *Ordenações Affonsinas* e morreu em Cintra, em agosto de 1841, com 49 annos de idade. Jaz no Convento da Batalha.

*

Curiosidades:

Uma revista ingleza publicou uma collecção de «escapadellas oratorias» em parlamentos e comicios. Por exemplo:

Um deputado, enternecido pela entusiastica ovação que lhe faziam, exclamou: «Sinto-me sempre feliz em estar aqui, ou n'outra parte.»

O presidente da camara municipal de Birmingham, ha pouco interrompido n'um comicio, ordenava ao seu interruptor: «Sente-se e retire-se.»

Um orador de Gloucester propunha o adiamento d'um projecto «para mais tarde ou para outro dia.»

Outro orador, protestando contra a classificação de doutora a uma senhora que conseguira os seus diplomas, declarou não comprehender «como as mulheres possam tornar-se homens de sciencia!»

*

Trechos escolhidos:

Existe mal suspenso, mal tecido,
 N'um ramo dos mais debeis do arvoredor
 Um ninho obscuro, o lar estremecido
 Da pequena familia. E' manhã cedo,
 Já duas avesinhas teem partido,
 Viu Deus com que saudade e com que medo
 Confiando aquelle ramo o seu segredo,
 Quanto no mundo tem de mais querido,
 E lá vão no lidar de cada dia,
 No começo erguia-se a ventania
 E eil-as de volta os dois. Emfim paciencia,
 Elles hão de ter fome, sim, mas vence-a
 O amor ao filho, o ninho que vigia,
 Caridade vae ser-lhe Providencia.

FERNANDO CALDEIRA.

*

Pensamentos:

Os magnetes attrahem o ferro o os magnates o ouro.
 —Em materia de *vós quem sois* todo o homem mente duas vezes: mente-se a si proprio, porque sempre cuida ser mais do que é; e mente-nos a nós, porque sempre nos diz mais do que cuida.

—Fallando o Padre Antonio Vieira dos que occupam ao mesmo tempo muitos officios, conta que Moysés escolhera setenta anciãos para o substituirem e conclue d'esta sorte: «De maneira que um homem que vale por setenta homens não se atreve a servir um só officio; e vós, que vos fará Deus muita mercê que sejaes um homem, atreveis-vos a servir setenta officios?»

*

Notas de sciencias:

O coração humano póde bater de novo vinte ou trinta horas depois de morta uma pessoa. Descobriu isto o dr. Kuliabko, ao observar que o coração dos vertebrados de sangue frio, extrahido do corpo, pode continuar a contrahir-se rithmicamente por um espaço de muitas horas e até de dias.

O coração dos mamíferos e dos passaros, separado do corpo, bate de novo quando pela aorta se injecta sangue desfibrinado e oxigenado. O coração d'uma creança de tres mezes que morrêra de uma pneumonia dupla foi extrahido do peito vinte horas depois do fallecimento e bateu por espaço d'uma hora depois de se lhe injectar pela aorta uma solução de Locke (agua salgada tepida e bem oxigenada).

Esta experiencia foi renovada varias vezes em corações humanos com igual exito, até n'um caso em que a morte remontava a trinta horas.

*

Lição de arithmetica:

Tirando d'um numero inteiro quatro vezes um quarto, o que fica?

Silencio completo.

—Vou exemplificar para comprehenderem melhor. Se partir um damasco em quatro bocados e os comer todos, o que é que fica?

Discipulos, em côro:

—O carço!

CHRONICA SOCIAL

Sociologia e seitas religiosas

(Continuação)

O promotor d'este «revival»—que de resto se encontra ainda nos seus principios—é um pastor americano,

Mr. Skeldon. O nosso reformador julgou dever adoptar, para lançar o seu monumento, um methodo a que não falta novidade nem originalidade: *os seus sermões são romances*.

Singular methodo, dir-se-ha sem duvida! «E porquê? observa o abbade Brémont. O essencial não será conduzir a verdade até ao coração do auditorio?» E o antigo padre jesuita accrescenta: «Conhecemos todos por experiencia propria ouvintes em quem os nossos sermões nunca penetram, que os não comprehendem. A maior parte dos nossos oradores parecem dirigir-se a invisíveis personagens, muito longe da nossa lingua, dos nossos habitos, das nossas necessidades. Pelo contrario, os romances de Mr. Skeldon estão ao alcance dos seus fieis. Em lugar d'essas abstracções que deslumbra igualmente todas as consciencias sem conseguirem impressionar nenhuma, esta doutrina concreta visa e attinge cada um em pleno peito. Pequenos negociantes, engenheiros, rendeiros, operarios,—é preciso que cada qual se reconheça quando a sua imagem lhe é mostrada ao vivo no decorrer da narração; é preciso que cada qual sinta inquietações novas sobre a extensão dos seus deveres e as consequencias infinitas dos seus actos. As fabulas de Mr. Skeldon não são puras novellas. Cada romance constitue a materia d'uma extensa serie de sermões. *Todos os domingos lê-se um capitulo do alto do pulpito*, e, durante muitas semanas, a curiosidade da parochia dedica-se a adivinhar a continuação das aventuras e a sologão das difficuldades que se multiplicam no caminho das personagens. Concluido o romance, imprime-se e espalha-se, por um preço irrisorio, por milhares de exemplares.» Não tinhamos nós razão para dizer que o pastor Skeldon segue um methodo original que, segundo parece, obtem um vivo successo não sómente no paiz dos *quakers*, mas ainda na patria dos *salvacionistas*?

*

Para nos fazer comprehender melhor o interesse do methodo, o abbade Brémont estuda pormenorizadamente um d'estes romances, que, de resto, se parece com todos. Escolheu um dos mais typicos, que tem o seguinte titulo, algo enigmatico: *Que faria Jesus?*

Não podemos, na esteira do abbade Brémont, dar a exposição viva e brilhante d'este romance que constitue a prégação de toda a quaresma; mas desejariamos, pelo menos, por uma rapida analyse e algumas citações dar uma ideia d'este novo modo de prégação.

Pela manhã d'uma sexta-feira, Henry Maxwell, pastor do principal templo de Raymond, preparava o sermão do dia seguinte. Escolhêra para texto estas palavras de S. Pedro: «Eis a vossa vocação; Christo soffreu por vós, exemplo que deveis imitar, seguindo-o passo a passo». Estava no terceiro ponto e punha-se a enumerar, na sua consequencia logica, os meios de imitar Christo soffrendo, quando uma campainhada interrompeu o seu trabalho. Um vagabundo extenuado vinha pedir trabalho. Maxwell despediu-o com palavras caritativas e tornou a entregar-se ao seu discurso.

No domingo seguinte, Henry Maxwell pronunciou o sermão tão conscienciosamente preparado; obtem um successo, um grande successo. Mas, apenas acabára de falar, do fundo da igreja fez-se ouvir uma voz. Um pobre homem esfarrapado, com ar miseravel, narra Brémont que citamos textualmente, avança a custo... Nunca talvez os parochianos d'esta confortavel igreja viram passar, junto dos seus bancos forrados de velludo, uma miseria igual. Maxwell reconheceu o vagabundo do outro dia.

(Conclue).

MARK TURMANN.

CHRONICA

As festas

Não ha nada mais triste e melancolico do que a algida quadra do inverno. Por debaixo d'um céu quasi sempre empanado de nuvens d'uma côr plumbea, paira um ar de tristeza e desolação. As arvores apresentam se-nos despidas de folhagem, esqueleticas, por onde tiritam as avesinhas. Pelos jardins desfolham-se as corollas desgrehadas dos derradeiros cysanthemos, e dos campos nem uma só florinha solta o seu aroma oculto para a amplidão dos ares.

As noites, quando não as ebumbram as nuvens tragicas das tempestades, são luarosas e estrelladas, mas não têm aquella diaphaneidade crystallina das tepidas noites estivaes. Lá ao longe, pelas praias, o mar rugue encapellado na sua velha juba enriçada para depois vir destender-se furibundo pela areia acima.

Nem flores, nem sol, só temos a chuva e a neve eterna dos interminaveis invernos.

*

Mas resta-nos a consolação de n'este final de anno festejarmos no seio dos nossos, o natal do bom Jesus que divinisa as creancinhas e perdoara á formosa peccadora de Magdala, que protegera a adúltera e fallara á Samaritana regenerada.

Então, no recuo das edades, n'esse final de anno nascia n'um pobre estabulo da Judeia o mais santo dos homens, o Filho de Deus, cuja vida mortal, a mais grandiosa e sublime da de todos os luctadores, foi coroada afinal com a palma cruenta do martyrio.

N'essa noite, ao som argentino dos hosanas dos côros angelicaes, raiava por entre as trevas nebulosas da tyrannia os primeiros alvôres da redempção.

O céu estrellara-se então com maior gala, fulgidos claros matizavam o espaço, e uma estrella desconhecida brilhava com estranho fulgor. Era a estrella percursora da aurora que ia raiar alim, fazendo baquear por terra as incriveis *evohés* das bacchantes as aureas tripodes das pythonissas, e as orgias das saturnalias.

Porém, mais tarde, no meio da sua Messiada, Elle espalhava a flux mil esperanças ideaes aos humildes, aos pequenos, aos infimos servos da gleba, e aos parias, sentado á sombra dos polmares e sycomoros da Judeia, sua patria, e uma multidão ingente seguia electrisada a mais extraordinaria das revoluções.

Então cobriam-se os campos de flôres, as rosas de Jerichó desabrochavam exuberantes, os fructos córavam nos vergeis e pomares orientaes, e Elle seguia sempre óvante como um hymno triumphal. As suas prêgações eram ora dulcissimas como as balladas ao luar, ora furibundas como a marcha do cyclone por sobre a vastidão das aguas. Muitas vezes consolou com palavras cheias de amor as desditas e as miserias dos homens, roçava as suas vestes pelas chagas dos lazarus e mandava vir os pequeninos para junto de si.

O seu olhar, nimbado de ignota luz, passava, abençoando e acariciando os pequenos e os humildes, e fusilando os magnates, os tyrannos e os despotas. Tinha palavras de ternura para as mães e para os pequeninos, e palavras de anathema para os escribas e phariseus hypocritas. Curava os leprosos e paralyticos, dava vista aos cegos, livrava Pedro das aguas, resuscitava os mortos e multiplicava os pães.

Vira-o, humilde, o Jordão de viridentes margens; contemplara-o, aclamado no meio d'uma multidão extasiada e admirada, o mar de Tiberiade; admirara-o, aureolado

com todo o esplendor d'um Deus, o monte Thabor; e olhara-o, compungido, apupado pela turbamulta ignobil, cahido no chão, o torrente de Cedron.

As trevas e a mentira odiavam-no;—Elle era a verdade e a luz!—e tramavam a sua morte, dando o mais ignominioso e espantoso dos supplicios, a crucifixão; e Elle, que tinha sido trahido na noite de Gethsemani, era suppliciado na gehenna do Calvario, e subia á cerula alegria dos céus na madrugada do Sepulchro!

Poema todo admiravel, santo e divino, que começara pelo beijo da Virgem-Mãe no berço do Presepe, e terminara pela lagrima da Mãe Dolorosa no patibulo do Golgotha!

E é a esta figura augusta que nós, seguindo os costumes dos nossos paes, aureolados d'uma luz purissima, festejamos o seu anniversario com o mais grato e puro dos jubilos.

E quanto não anceiam por este dia os pequeninos? Elles já de ha muito sonham com a noite de Natal,—e que sonhos não são esses, azues como o céu!—com as prendas dos paes, e com a sua arvore do Natal, povoada pelos gnomos.

E os pequeninos cherubins, de aureos cabellos annelados, não sonham nos seus sonhos côr de rosa, que de uma nuvem vaporosa sahem choreios de anjos de niveas azas, trazendo-lhes sorridentes essas prendas, que elles ao despertar encontram á sua cabeceira? Bemdita e santa innocencia das creancinhas!

Entre nós festeja-se o Natal — a festa do lar — com a mais franca e encantadora simplicidade, como são e devem ser as festas verdadeiramente familiares. Todas as velhas tradições dos nossos antepassados se guardem esculpulosamente e se cumprem religiosamente n'este dia de universal solemnidade.

Salvé! Natal, pequenina gotta de alegria no amargo calix do soffrer, momento de repouso extremamente jugaz nas interminaveis lides do trabalho!

*

E estas festas vão passando e quantas mezas sem pão, quanto lar sem lume! Agora que o frio inclemente açoita e corta as carnes nús dos pobresinhos, dos inditosos, quantas mães não haverá por ahí sem o concheço necessario para os seus pequeninos!

Lembrae-vos, pois, no meio das vossas jubilosas alegrias dos que têm fome, dos que tiritam, d'aquelles que não têm pão e que não têm o lar acceso.

Recordae-vos dos que estão doentes, o corpo depauperado pelas privações, debatendo-se n'uma lucta desigual contra os hodiernos flagellos do corpo humano.

Lembrae-vos sempre dos pobres — elles são tantos! — porque Jesus tambem foi pobre, tambem mitigou as dôres e curou as enfermidades, e tove por seu Natal um abandonado precepe.

Se quereis fazer o bem no que elle tem de mais puro, santo e sublime, de tudo o que puderdes aos pobres!...

B. PEREIRA.

COLLABORAÇÃO

A Hostia Santa

Como é soberanamente bello e eloquentemente mystico o momento solemne em que o sacerdote catholico ergue em suas mãos a particula maravilhosa que, mediante o acto de consagração, deixa de ser massa de trigo sem fermento para tornar-se corpo de Jesus Christo!

E aquelle homem, talvez grandissimo peccador, tem,



Catharina II

todavia, por virtude de seu ministerio altissimo o maior poder que é dado á creatura sobre a terra; o poder de transformar por palavras uma especie de pão azymo em carne de vida eterna e de redempção de culpas!

Repete se quotidianamente na ara do altar o sacrificio do Calvario, e a Hostia, nuncia de paz e de perdão, lá se levanta para a scena incruenta entre os dedos do levita!

E o espectáculo que então se offerece a olhos de alma crente é de molde a restabelecer em todo seu merito intrinseco e sublimado o drama da Judéa e o epilogo da Cruz!

Hostia Santa! branca e immaculada, muda e silenciosa como és, confundes a perspicacia e penetração humanas, arrebatas e empolgas milhares e milhões de seres racionais, alimentas muitissimos famintos e convertes inumeraveis espiritos abysmados em noite de trevas!

Ha-quem abuse de sua missão sacerdotal com pretexto de teu culto venerando e libertador?!

Tambem de Jesus se abusou com infamias, tambem houve abuso em todos os tempos; mas a virtude nunca foi nem será empanada, como a rosa não deixará de ser rosa, como a neve não deixará de ser limpida em pincaro de montanhas esbatendo a luz do sol e deslumbrando o olhar!

A Hostia Santa permanece pura, legitima e autentica sem embargo de erros e de danos, de perfidias e de sophismas, de attentados e de miserias.

Pode caber e realmente existir baixeza de character no sacerdote que a consagra; entretanto, não tocam os vicios d'este mundo em corpo alvissimo de Homem-Deus.

Ella, a Hostia, fica incorrupta e inviolavel em sua candida revelação e em sua divinal essencia!

Receberá o padre em sua carne vil o corpo adorado do Cordeiro salvador, descera do altar como comico e mero actor improvisado, virá continnar uma vida de licença esandalosa, tudo isto fará sem prejuizo de sua Hospede im-

penetravel a maculas e a nodoas, e só com agravo proprio, de sua pessoa singular.

Oh! quem, versado na Historia e curioso de observação philosophica, pode resistir a sentimentos de piedade religiosa, a abalos profundos de commoção indizivel e acariciadora ao chegar o momento grave e augusto durante a celebração da missa em que a Hostia, erguida, impõe o maximo recolhimento, inspira as mais sensatas reflexões intimas, serena perturbações e fraquezas de animo, alivia de penas e de saudades, faz resolver problemas que pareciam insoluveis e rasga horisontes que se supunham de esphera intangivel?

Nenhum catholico verdadeiramente convicto e perfeitamente illustrado assiste indifferente ao levantar da Hostia consagrada n'essa hora de magestade e de imponencia do sacrificio incruento: quantas vezes se casam em tão admiravel momento orações interiores e lagrimas de exterior?!

Orações e lagrimas, que significam arreouamentos de almas, consolações e alegrias de consciencias, alvoradas de esperanças e visões queridas de entes estremecidos que já deixaram a morada terrena; orações e lagrimas que se fundem por um só ideal e por um pensamento unico: adorar Jesus Christo, ser contrito na fé e ardente no amor do proximo!

Hostia Santa! que enorme é o significado balsamico que se occulta sob tua celestial brancura?! que immenso thesouro de benemerencias se contém dentro de ti!?

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A Immaculada Conceição

Fez a 8 de dezembro do anno passado precisamente 48 annos que foi definido, pelo immortal Pio IX, o Do-

gma da Immaculada Conceição, ha tanto tempo desejado por todo o orbe catholico.

Por espaço de 5 annos, são formadas commissões das mais altas intelligencias; são consultados os mais abalizados theologos, que certificam o Pontifice de que a crença na Immaculada Conceição é universal e que convem dar-lhe o character de Dogma Catholico. Perfizeram o numero de 500 as respostas dos Bispos consultados. Correm a Roma, de diferentes partes do mundo 200 Bispos.

Em redor do grande Pontifice veem-se Bispos de França, d'Hispanha, d'Inglaterra, da Belgica, da Holanda, da Grecia, da Prussia e mesmo da Allemanha. Vê se tambem, com immenso jubilo, o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa. Tambem lá foram muitos da America e da Oceania, a quem as procelosas ondas do mar não intimidaram a irem á capital do mundo catholico, prestar homenagem ao chefe supremo da Igreja, e pedir a definição do Dogma da Immaculada Conceição de Maria.

Todos querem ouvir a voz do successor de S. Pedro, d'aquelle que mais tarde havia de ser o Augusto prisioneiro do Vaticano.

Desponta, enfim, o dia 8 de dezembro de 1854. Este dia, já de ha muito, consagrado á festa da Immaculada Conceição, dia de grande regosijo, é um dia bem assignalado na historia da Virgem. Na Basilica de S. Pedro reune-se a assembléa catholica composta de 200 Bispos, de muito clero, da Princeza Real da Saxonia, do corpo diplomatico, do Estado maior do exercito francez e finalmente de grande numero de assistentes. Começa a solemnidade no meio d'uma alegria immensa. Depois de cantado o Evangelho, cinco Bispos, ajoelhados ao pé do throno pontificio, pedem o Decreto da Definição do Dogma da Immaculada Conceição de Maria. O Pontifice, de joelhos, implora a inspiração do Divino Espirito Santo, então o hymno que é executado, pelos cantores da capella pontificia, e por toda a assemblea que enche a vasta Basilica.

Terminado este acto tão solemne, o Pontifice levanta-se bastante commovido, e proclama bem alto o Decreto da Definição do Dogma da Immaculada Conceição.

Toda a assemblea se felicita pelo grande acontecimento. Todos correm a dar a grande nova. Os canhões do Castello de Santo Angelo, annunciam á cidade a promulgação do Decreto. E Roma rende-se toda aos transportes do jubilo e da alegria.

Mas não é só na grande cidade que se dão mostras de regosijo e satisfação; é todo o universo, porque o echo da voz do grande pontifice depressa percorre o mundo inteiro. Desde as torres das soberbas cathedraes, até ao mais humilde campanario da capella do campo, se ouve a voz do bronze annunciando tão fausto acontecimento.

As povoações correm pressurosas aos templos, a dar graças ao Altissimo; as cidades illuminam-se mostrando o fervor e a devoção, que consagram á Virgem Immaculada. Ao reino fidelissimo, terra da devoção á Immaculada Conceição de Maria, tambem chegou o echo da voz do immortal Pontifice, proclamando o Decreto da Definição do Dogma.

Quem póde pois disputar-nos esta gloria? Por ventura não estava proclamada pelos portuguezes, desde ha muito, a Immaculada Conceição de Maria? Esse templo de Villa Viçosa não foi levantado em sua honra? D. João IV não mandou cunhar, em oiro e prata, uma moeda com a effigie da Virgem, chamada Conceição? Nas cortes solemnes de 1646 o mesmo Augusto soberano, com os representantes da nação, não declararam publicamente que tomam para Padroeira e defensora do reino, a Virgem Immaculada? Não ordenou tambem nas mesmas cortes que, na Universidade de Coimbra, ninguém tomasse grau algum, sem primeiro defender a Immaculada Conceição de

Maria? A obrigação imposta por D. João V, ás cathedraes e collegiadas de celebrarem, com grande pompa, a festa da Virgem Immaculada? E, finalmente, a Ordem da Conceição, fundada por D. João VI? Não serão, por ventura, estes factos o bastante para provar ao mundo inteiro, que os portuguezes já ha muito acreditam n'este mysterio, cuja definição celebramos hoje? Se todo o mundo exulta com a nova victoria da Virgem, que se ha de esperar de nós portuguezes? O que se está vendo todos os dias, por todo o paiz, quer nas soberbas cathedraes das cidades, quer nas humildes capellas da aldeia? O povo correndo em massa á festa da Virgem.

Para que ninguém podesse duvidar da realidade de sua Conceição Immaculada, desceu a Virgem do céu á terra, e no cimo d'uma rocha, ractificou o Decreto que Pio IX havia publicado, o qual definia a sua Immaculada Conceição. Porque, 4 annos mais tarde, isto é, no dia 11 de fevereiro de 1858 sobre a Rocha Massabielle, proximo a Lourdes, apparece a Virgem, com todo o esplendor celestial, á humilde Bernardette, filha d'um honrado moleiro das margens do Gave.

Após esta appareição, seguem-se outras consecutivamente até que, no dia 25 de março seguinte, a instancias de Bernardette, a Virgem se manifesta dizendo á humilde pastorinha. «*Eu sou a Immaculada Conceição*!» Quem poderá pois, duvidar ainda do Dogma da Immaculada Conceição? Ninguém por certo. Pois que a Virgem, por meio d'um tão estupendo milagre ractificou o Decreto do Santo Pontifice chamando-se a si mesma a «*Immaculada Conceição*».

«*Acceitae pois ó Virgem de Lourdes estas humildes linhas, que vos dedica, como preito de homenagem, um vosso protegido que passa hoje, em tão solemne dia, o seu anniversarie natalicio.*»

8-10-902

T. N.

A Adoração dos Magos

Jesus nasceu! E, vivissima, brilhou no Céu uma estrella.

Quem poderá conhecel-a?

Outra assim já viu alguém?

—Os Magos contentes seguem-n'a e a tem por guia segura e já vão ter a ventura de verem Christo em Bethlem!—

Aquella estrella mostrára-lhes o que predisse Isaias.

Já se approximam os dias de ventura e redempção,

—Herodes sentira pavor fugir o sceptro orgulhoso! Era aquelle astro formoso a estrella de Balaão.

E os innocentes são victimas d'aquellas ordens, que déra Herodes, que em vão quizera vencer as leis do Senhor!

—E os Magos caminham placidos e, em Jerusalem entrando, nos pagos estão fallando com esse rei oppressor!—

Herodes em vão disséra-lhes,
que «vêr quer esse Menino,
a quem, se Elle é rei divino,
quer prestar adoração».

—E mais bella a estrella mostra-se
e os Magos la vae guiando.
E elles, no Céu confiando,
no rei só viram traição!—

E em Bethlem, n'um albergue humido,
Jesus viram reclinado.
Viram José, humilhado,
tambem adorar Jesus!
—E a Virgem vertia lagrimas
de puro contentamento.
E, com grato sentimento,
do Céu os inspira a luz!—

E não viram ali principes.
Não viram nobres senhores.
Viram humildes pastores,
que vão Jesus adorar.
—Viram n'esse pobre estábulo
uns animaes e a pobreza,
como corte á realleza,
que do Céu pode baixar!—

Desejado tantos seculos,
vê-se um Deus n'esse menino.
E os Magos então um hymno
entoar querem de amor!
—E, de subito prostando-se,
alegres e respeitosos,
quasi estão silenciosos
de Jesus ante o fulgor!—

Mas elles recobram animo.
E, pelo Céu inspirados,
olham Jesus e, humilhados,
a Jesus offertas dão!
—E, vendo o Filho do Altissimo
e,—criança—um Deus immenso,
já um Lhe offertou o incenso
e Lhe presta adoração!—

Mas Jesus terá no intimo
dos corações respeitosos
um throno, que os orgulhosos
não poderão abater.
—Será Rei! E um Mago offerta-Lhe
ouro de pura belleza,
pois do Céu a realleza
na terra já pode vêr!—

Já outro Mago, sentindo-se
orente e prevendo o futuro,
em Jesus vira, seguro,
da Redempção o penhor.
—Dá Lhe myrrha, como symbolo
de quem ha de ter por sorte,
os soffrimentos e a morte.
E tudo por nosso amor!—

Tem valor aquellas dadas,
de santo amor são poemas.
Valem sceptros, diademas
e muitas adorações.

—E já dos Magos no espirito
brilharam luzes mais puras,
que os elevam ás alturas
das celestes regiões!—

Dos Magos a estrella occulta-se,
mas n'elles se aviva a crença,
que se torna mais intensa
por angelica visão!
—De Jerusalem affastam-se.
E, outras veredas seguindo,
alegres, lá vão fugindo
De Herodes á vil traição!—

(Aveiro).

RANGEL DE QUADROS.

Parabola

Quando Christo, o immaculado,
em sua alma peregrina,
vendo o templo profanado,
sentiu uma ira divina;

e alçando, sereno e grave,
á frouxa luz dos brandões,
na dextra irada o azorrague
com que deu nos vendilhões;

ouviu alguém que do lado
lhe chamava pelo nome.
—Que tens tu, ó desgraçado?
—Meu Senhor, eu tenho fome.

O Christo amparou-se á nave...
sob os pés tremeu-lhe o chão.
deixou cair o azorrague,
porque um pobre... pediu pão!

SANCHES DE FRIAS (Visconde de).

Salvé Rainha

Salvé, rainha dos santos, anjos, virgens, confessores,
martyres, apostolos, prophetas e patriarchas!

Mãe de misericordia, sempre solicita a attender ás
nossas multiplas necessidades, a enxugar nossas lagrimas
e a escutar nossos gemidos com carinho e bondade ine-
gualaveis.

Vida, da nossa vida; doçura, nas agruras da nossa
atribulada existencia; esperanza nossa no meio d'este mar
procelloso da vida, onde a cada momento nos acommettem
terreveis naufragios.

Salvé! ó toda pura como a açucena, bella como a lua,
rutilante como o sol!

Mãe sem deixar de ser virgem; creatura privilegiada
entre todos os filhos d'Eva, com a isempção do peccado
original.

Salvé! A Vós bradamos d'este deserto da vida, onde
tudo parece revoltar-se contra nós sem dó nem piedade.

Os degradados, filhos d'Eva oh! Virgem purissima,
somos nós, vossos filhos por adopção n'um momento supre-
mo, sublime em que o vosso Jesus pendia agonisante da
cruz.

A Vós, portanto, pedimos que não nos abandoneis no
meio das nossas necessidades de toda a especie!

Suspiramos incessantemente por vos vêr no paraizo
onde advogaes a nossa causa.

Gemendo sob o pezo insupportavel das nossas iniquidades, e chorando lagrimas amorissimas n'este valle de lagrimas, passamos os dias tristes como os desterrados longe da nossa adorada patria, que é o céu.

Oh! como é triste viver aqui, longe do nosso «Bem Amado» sujeitos a offendel-o constantemente e sem o amarmos quanto as nossas forças o permittam.

Como é triste termos de soffrer as mil consequencias que o peccado produziu em nós!

Oh! que feliz seriamos se nunca houvessemos peccado.

O mundo deixaria de ser valle de lagrimas e converter-se-hia em paraizo de delicias, tal como Deus o creou.

Eia, pois, confiemos em Deus e peçamos-lhe que nos dispense suas graças para podermos triumphar dos nossos inimigos—mundo, diabo e carne.

Advogada nossa, ó Virgem compassiva para com as nossas misérias, não nos esqueças nem um só momento diante do vosso Jesus que assim seremos felizes.

Esses vossos olhos mais formosos que ao estrellas do céu, misericordiosos como os do vosso filho, a nós volvei para as nossas almas readquirem a paz, a alegria e felicidade que o peccado lhes roubou.

E depois de terminados nossos dias attribulados, d'este desterro d'onde partiremos sem saudades nem apeço, nos mostrai a Jesus, o nosso amigo-mais fiel, o nosso pae bondosissimo, o nosso pastor terno, que cada vez que a nossa alma se desvaira pelos caminhos escabrosos do vicio, Elle, por mil senhas nos chama para o divino aprisco, onde nos reparte com mão liberal graças sem numero.

Bemdito o fructo do vosso ventre; é Jesus a alegria dos anjos e santos do céu e de Vós ó minha terna mãe, a quem creaste com tanto amor e com igual dôr viste agonisar, no calvario, no meio de crueis martyrios.

Oh! minha divina mãe, fazei que eu veja ao vosso Jesus face a face no céu.

Mas que digo?

Poderá um peccador ter esperanza do céu?

Oh! sim, pôde, diz-m'o a crença e o sangue precioso que lavou Dimas e a misericordia que perdoou á Magdalena arrependida.

O' clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria protegei, ampara e defendei uma vossa devota desde a infancia.

Sim, virgem santissima, desde os meus tenros annos vos tenho dedicado uma devoção pequena e tibia sim, mas constante; por isso permitti-me que vos diga que tenho direito ao vosso amor e á vossa protecção que sempre me tendes dispensado com liberalidade e amor de mãe extremosa.

Sim, ó virgem santissima a vossa clemencia, piedade e doçura captivaram o coração do Eterno, e são as delicias dos vossos devotos.

Quantas lagrimas nos enxugaes?

Oh! Virgem, ha lagrimas tão amargas que só a vossa doçura pode suavisar, e ai de miru se vós me não soccorresseis e me não tivesses legado a doce esperanza de dias melhores!

Rogae por nós a vosso divino filho incessantemente, pois bem precisamos das vossas preces ó santa mãe de Deus e mais que nunca vós pedimos que protejaes d'uma maneira particular os directores das nossas almas para que d'elles recebamos luz e conselho para chegarmos mais directamente até Vós.

Protegei as nossas familias, amigos e inimigos para que todos vos amem sobre a terra e alem tumulo vos louvem no céu.

Protegei ó Virgem a Barca de Pedro, cujo piloto é o

immortal Leão XIII, para quem vos peço muita vida e saude.

Protegei as ordens religiosas tão perseguidas n'estes ultimos tempos.

Protegei em summa a todos nós para que sejamos dignos das promessas de Christo que são n'esta viva paz de consciencia, para mim a unica felicidade que existe na terra, e na outra o céu onde não ha soffrimentos, mas só alegria e felicidades perduraveis na presença de Deus tri-no e de Vós minha querida Mãe.

Amen.

São os desejos de meu coração: louvar-vos e amar-vos na vida e possuir-vos por toda a eternidade.

M. M.

Ave-Maria

Ave-Maria! Mãe,
Cheia de graça infinda!
Quem não provou ainda
Do mel de vosso amor?
Amparai-nos no mundo
E sede assim connosco,
Que o Senhor que é connosco
E' o nosso protector

Bem dita sois vós! Unica,
Entre as mulheres todas,
Que, após as nupcias bodas,
Virgem, destes á luz.
Bem dicto é esse Fructo
Do vosso ventre sancto,
Que por nós soffreu tanto
E morreu n'uma cruz.

Vosso Jesus buscamos,
Sancta Maria, mãe
De Deus. Rogae tambem
Por nós, os peccadores.
Sempre: agora e na hora
Da nossa morte nos vêja
Vosso olhar e assim sêja
Alivio ás nossas dôres.

E. MARTINS D'OLIVEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A apanha do Caoutchouc

(Vid. pag. 13)

E' uma das mais bellas colheitas d'algumas regiões da America. O *caoutchouc*, a que nós chamamos borracha, e que é uma especie de goma elastica, dura e resistente, que se extrae de certas arvores, por meio de incisões, em certas epochas do anno, é uma das mercadorias que mais rendem aos seus proprietarios. No Pará, por exemplo, fazem-se grandes transacções com a borracha, que dá grandes lucros, na larga exportação que d'ella se faz para a Europa.

Catharina II

(Vid. pag. 19)

Catharina II, a *grande*, foi imperatriz da Russia, esposa de Pedro III, reinando só desde 1763 a 1796. As suas guerras, as suas reformas, a protecção que concedeu ás lettras, ás artes e á philosophia fizeram esquecer as suas violencias, o seu despotismo, e a sua depravação.

A nossa gravura representa a imperatriz passando revista á guarnição de S. Petersburgo, logo apoz a morte d'esse marido.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

—Abriu já o parlamento, tendo lido el-rei perante as côrtes o chamado discurso da corôa. E' um documento banal e sem interesse; todavia promettem-se n'elles novos impostos e a redução dos juros da divida publica. A imprensa especialmente a nacionalista, já protestou devidamente contra isto.

Diz-se que vai ser levantada nas camaras dos pares a questão religiosa, pelo digno par sr. Dantas Baracho. Effectivamente, este senhor pedia n'uma das ultimas sessões esclarecimentos sobre a questão das profissões no convento do Quelhas; mas parece que a questão não prosegue.

Sabemos que os illustres pares do reino que se encontram á frente do partido nacionalista teem a intenção de repellar todas as questões de caracter religioso trazidas á camara, defendendo nobre e altivamente os interesses catholicos. Bem hajam por isso.

Bispo da Guarda—Falleceu este venerando prelado cuja morte é geralmente sentida.

D. Thomaz Gomes de Almeida, assim se chamava o venerando prelado, deixa o seu nome vinculado a algumas obras de beneficencia para que tinha sempre a sua bolsa aberta. Era um virtuoso bispo, um dos ornamentos mais fulgentes do episcopado portuguez.

Paz á sua alma.

Exterior

—Foram descobertos na parte do norte da bahia Hudson uns dezeseis esquimós, que fallam uma lingua desconhecida dos outros esquimós.

As suas cabanas são feitas de pelles de rennas, sustidas por mandibulas de baleia; no meio têm uma collina, em cima da qual está uma pedra ôca, cheia de oleo de baleia, que serve de lampada e de lume, graças a uma mecha de musgo secco.

De que civilização virão? Seriam um povo, antes de ficarem reduzidos a dezeseis? Ignora-se.

—Um phrenologista celebre, o professor Wilder, da Universidade de Cornell (New York) e que possui já a mais bella collecção conhecida, de craneos, acaba de dirigir a todos os homens celebres dos dois mundos uma carta.

Pede-lhes para accrescentarem ao seu testamento uma clausula em virtude da qual lhe leguem o craneo para estudos phrenologicos.

Já recebeu quatro propostas favoraveis: d'Annunzio, Veresthaguine, Barnum e Ibsen.

Echos de Roma—Recebemos o 1.º numero d'uma revista mensal illustrada, que, sob a direcção de Mgr. Thiego Senibaldi, começou a publicar-se em Roma. Traz sete bellas gravuras, bem elaborados artigos, e custa apenas 700 rs. por anno. Agradecemos ao collega a sua visita n'esta redacção, noticiando que o seu correspondente no Porto é o Rev.º Padre José Xavier d'Almeida, no Seminario.

Voz de Santo Antonio—Recebemos e agradecemos o n.º 12, correspondente ao mez de dezembro, d'esta bem conhecida revista illustrada mensal, que se publica em

Braga. Traz este numero diversas secções importantes, artigos litterarios em prosa e verso, e 4 boas gravuras, sobresahindo o convento da Batalha, e a fachada do Seminario Patriarchal.

«**A Palavra**»—Cumprimentamos o nosso presado collega, pelos melhoramentos que apresentou no principio d'este anno, tanto augmentando o formato ao jornal, como desenvolvendo mais as suas secções. Aproveitamos esta occasião para tambem felicitarmos o nosso presado amigo o Ex.º Sr. Francisco Gonçalves Cortez, actual administrador do mesmo jornal, de quem a religião muito tem a esperar, attentos os seus sentimentos, e as suas reconhecidas virtudes.

«**O Campeão das Provincias**»—A este nosso illustre collega, tambem felicitamos cordealmente, pelos melhoramentos que introduziu no seu bem conhecido jornal, um dos mais antigos do paiz, desde o primeiro de janeiro d'este anno, pois que, alem de lhe augmentar o formato, e de o tornar illustrado, como os melhores do Porto e Lisboa, tambem augmentou consideravelmente as secções, tornando-o largamente noticioso. Pode-se affontamente asseverar, que é o melhor jornal da provincia, que actualmente se publica fóra das duas capitães do reino.

—**A Biblia Sagrada**—Recebemos o fasciculo n.º 63 d'esta notavel obra, edição popular, esplendidamente illustrada, versão do padre Antonio Pereira de Figueiredo, com commentarios e annotações do Rev.º Santos Farinha.

Continua a assignar-se esta obra monumental na sua agencia no Porto, rua de D. Pedro n.º 116, 2.º andar, custando 60 rs. cada fasciculo.

EXPEDIENTE

Alguns dos nossos assignantes nos teem pedido para não nos limitarmos a dar por brinde só as Chammas do amor de Jesus, mas sim outros quaesquer, e attendendo nós a esses pedidos, pomos á escolha dos snrs. assignantes mais os seguintes:

A Mãe segundo a vontade de Deus
Livro de todos

As tres rosas dos Escolhidos

A Santa Montanha de la Salette

Flôres a S. José

Vida popular de S. Vicente de Paulo

Bento José Labre

Sorrisos d'um velho.

Aquelles snrs. que enviarem 1\$000 réis só teem direito aos brindes brochados; e aquelles que mandarem 1\$200 rs. recebem as obras encadernadas.

Só teem direito aos brindes todos aquelles que mandem desde já satisfazer as suas assignaturas adiantadas.

Pedimos mais: quando nos tenham a escrever, que nos indiquem o numero da sua respectiva lista para mais facil expediente.

A todos aquelles que se acham em atrazo, pedimos que nos mandem satisfazer com a promptidão possivel, pois a unica receita que este jornal tem é o prompto pagamento das assignaturas.

Os brindes em brochura já foram enviados aos snrs. assignantes e os encadernados serão enviados por estes dias.

Os snrs. assignantes só terão direito aos brindes até ao n.º 6, porque depois d'este prazo furemos saques pelo correio para pagamento do anno corrente, pois a assignatura é paga adiantada.

Vida do glorioso Patriarcha

S. JOSÉ

PELO PADRE

JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

Vae o *Progresso Catholico* começar a publicar no n.º 6, correspondente ao dia 15 de março esta importante obra, devida á penna do grande escriptor o padre João Baptista de Castro, que foi nomeado em Roma proto-notario apostolico pelo Papa Clemente XIII, e é auctor classico de obras notabilissimas, como são uma *vida de Jesus Christo*, livro hoje rarissimo, e *O Mappa de Portugal*, obra de grande vulto.

Esta obra, extrahida com grande trabalho e cuidado do que deixaram escripto os santos Evangelistas e os Santos Padres, doutores da Egreja, narra a *Vida de S. José* com particularidades que não são vulgarmente conhecidas, e está escripta n'uma linguagem elegante e correcta, como sabia escrever aquelle distinctissimo escriptor.

E' pois um mimo e um *brinde apreciavel* que a empreza do *Progresso Catholico* offerece indistinctamente a todos os seus assignantes, que pela quantia annual de 800 reis poderão ter, conjunctamente com os 24 numeros do jornal, illustrado, e com secções religiosas, litterarias e artisticas, essa apreciavel obra d'um distincto e erudito escriptor.

A *Vida de S. José* que o *Progresso Catholico* vae publicar, foi impressa em Lisboa em 1761, e compõe-se dos seguintes capitulos, que publicamos, para se ver a importancia da obra:

CAP. I. — Da predestinação de S. José, e como foi annuciado em varias figuras e oraculos, muito antes que nascesse.

CAP. II. — Da geneologia e progenitores do glorioso S. José.

CAP. III. — Da santificação de S. José, no utero materno: seu nascimento e patria.

CAP. IV. — Do admiravel nome de José que se lhe poz na circumcisão, e da belleza corporal, de que foi dotado o glorioso santo.

CAP. V. — Das virtudes, prendas, e exercicios de S. José, nos seus primeiros annos.

CAP. VI. — Desposorios mysteriosos do Bem-aventurado S. José, com a purissima Virgem Maria.

CAP. VII. — De algumas circumstancias dignas de se notar n'este santo matrimonio.

CAP. VIII. — Retira-se de Jerusalem S. José com a Virgem, e se estabelece em Nasareth.

CAP. IX. — Incarnação do Verbo Divino, e visita que os Santos Esposos fizeram a Santa Isabel.

CAP. X. — Como S. José conheceu a mysteriosa Conceição do Verbo na Virgem, e a quiz deixar: declaração do Anjo ao mesmo Santo.

CAP. XI. — Da jornada que S. José fez a Bethlem, com a Virgem, para obedecer ao Editto de Cesar.

CAP. XII. — Como S. José e Maria Santissima chegaram a Bethlem, e onde se recolheram.

CAP. XIII. — Do nascimento de Jesus Christo, e adoração dos Pastores.

CAP. XIV. — Da circumcisão do Menino Deus, e do santissimo nome de Jesus, que S. José lhe poz.

CAP. XV. — Assiste S. Jose á adoração dos Magos, e vae depois ao templo com a Santissima Virgem apresentar ao Menino Jesus.

CAP. XVI. — S. José com a Virgem Santissima e o Menino Deus fogem para o Egypto, da perseguição de Herodes.

CAP. XVII. — Da assistencia que o glorioso S. José fez no Egypto com a Virgem e o Menino Deus.

CAP. XVIII. — Retira-se S. José do Egypto com a Virgem, e o Menino, e voltam para Nasareth.

CAP. XIX. — Vae S. José com a Virgem e seu Filho a Jerusalem: fica o Menino Jesus occulto no Templo tres dias; no fim d'elles o acham disputando com os Doutores, e se recolhem a Nasareth.

CAP. XX. — Da felicissima morte do glorioso patriarcha S. José.

CAP. XXI. — Desde a alma de S. José ao limbo: resuscita gloriosamente com Christo, e com Elle sobe ao Céu em corpo e alma.

CAP. XXII. — Da gloria que o bemaventurado S. José gosa no Céu entre os mais santos.

CAP. XXIII. — Do genero de adoração com que deve ser venerado o gloriosissimo S. José.

CAP. XXIV. — Do augmento que tem tido na Egreja latina o culto do glorioso S. José.

CAP. XXV. — Proseguem-se as memorias chronologicas do culto do glorioso S. José, no seculo decimo oitavo.

CAP. XXVI. — De algumas Reliquias que nos ficaram do glorioso S. José.